

L. Marie Adeline

S.E.C.R.E.T.

Dedicado a *Nita*

Capítulo 1

As empregadas de mesa são peritas em linguagem corporal, assim como as esposas zangadas que viveram sob o mesmo tecto com bêbedos furiosos. E eu fui as duas coisas: esposa durante catorze anos e empregada de mesa durante quase quatro. Uma parte do meu trabalho era saber, muitas vezes mesmo antes deles, o que os clientes queriam. Com o meu ex-marido também era capaz de antecipar com exactidão o que ele queria assim que entrava em casa. No entanto, sempre que tentava tirar partido de tal capacidade, no sentido de antecipar as minhas próprias necessidades, não conseguia.

Não era minha intenção tornar-me empregada de mesa. Será intenção de alguém? Arranjei o emprego no Café Rose depois de o meu ex-marido morrer e nos quatro anos seguintes, enquanto passava da dor à fúria e depois a uma espécie de limbo, esperei. Esperei por pessoas, pelo tempo, pela vida. Contudo gostava mais ou menos do meu trabalho. Trabalhar num sítio como o Café Rose, numa cidade como Nova Orleães,

significa ter clientes regulares, clientes preferidos e roubar até alguns aos colegas de trabalho. Dell detestava servir as excêntricas locais porque davam poucas ou nenhuma gorjetas. Eu não, porque ouvia histórias maravilhosas. Assim, chegámos a um acordo. Eu ficava com os excêntricos e os músicos e ela ficava com os estudantes, as mães com bebés de colo e os ocasionais.

Os meus preferidos eram os casais e um em especial. Talvez seja estranho dizer isto, mas ficava nervosa sempre que eles entravam. A mulher, perto dos quarenta, tinha aquela beleza das francesas – pele brilhante, cabelos curtos, de uma feminilidade incrível. O homem, sempre o mesmo, tinha rosto franco, cabelo castanho cortado à escovinha, era alto e magro, penso que um pouco mais novo do que ela. Nem ele nem ela usavam aliança e por isso eu não sabia a natureza exacta da sua relação, mas, fosse ela qual fosse, era íntima porque parecia que acabavam de ter relações ou que iam tê-las depois de um almoço rápido.

Sempre que se sentavam, ele pousava os cotovelos em cima da mesa, abria as mãos viradas para ela, ela esperava um pouco, fazia o mesmo e ficavam ambos um momento a centímetros um do outro, como se uma força gentil os impedisse de se tocarem – um momento apenas, antes que alguém reparasse e achasse aquilo piroso. Em seguida entrelaçavam as mãos, ele beijava-lhe os dedos um a um, sempre da esquerda para a direita, e ela sorria. Por fim separavam as mãos e consultavam a ementa. Enquanto os observava, sentia um desejo intenso. Era como se ele me estivesse a acariciar a mão, o braço, o pulso.

Na minha vida não havia tais desejos, a ternura não me era familiar. Scott, o meu ex-marido, era capaz de amabilidade e de generosidade quando estava sóbrio, mas para o fim, depois de a bebida o ter agarrado por completo, não. Depois de ele morrer, chorei pelo que ele passou e pela dor que me causou, mas não fiquei com saudades dele. Primeiro senti-me atrofiada, depois a sensação passou e de repente tinham-se passado cinco anos sem que eu tivesse sexo. Cinco anos de celibato acidental durante os quais me senti um cão velho e escanzelado sempre com a língua de fora. Quando experimentava roupa nova, os Cinco Anos olhavam para mim do espelho, fazendo-me sentir ridícula. Os Cinco Anos também se punham debaixo da mesa sempre que eu tinha um encontro, deitados aos meus pés.

Nenhum dos encontros me levou a uma relação, fosse ela qual fosse. Eu começava a acreditar, aos trinta e cinco anos, que nunca mais me aconteceria nada. Ser desejada, como aquela mulher, era coisa de filme estrangeiro numa língua que eu nunca aprendera, com subtilezas cada vez mais desfocadas.

– Terceiro encontro – murmurou-me o meu patrão, sobressaltando-me, reparando que eu estava a observar o casal. Eu estava ao lado dele ao balcão da pastelaria e ele limpava uma série de copos com as mangas da camisa enroladas até aos cotovelos, como de costume, mostrando os pêlos bronzeados dos braços musculosos. Apesar de sermos apenas amigos, de vez em quando eu sentia-me abalada pela sua sensualidade, ainda por cima porque ele não tinha consciência dela.

– Talvez quinto? Não é só ao quinto encontro que as mulheres dormem com o tipo com quem saem?

– Não sei.

Will revirou os olhos azuis, farto das minhas choraminguices.

Olhei de soslaio para o meu casal.

– Aqueles dois comportam-se assim desde o primeiro dia. Só pensam um no outro.

– Dou-lhes seis meses – disse Will.

– Cínico – repliquei, abanando a cabeça.

Nós fazíamos aquilo muitas vezes; especulávamos sobre as relações entre dois clientes. Era o nosso segredo, uma maneira de passar o tempo.

– Cínico? Estás a ver aquele velho e aquela miúda a dividirem um prato de mexilhão? – indicou, apontando discretamente com o queixo para um casal diferente. Virei a cabeça ao de leve para um homem de uma certa idade, acompanhado por uma mulher bastante mais nova. – Aposto que é a melhor amiga da filha – acrescentou, baixando a voz. – Ela licenciou-se e quer estagiar no escritório de advogados dele, mas como acaba de fazer vinte e um anos, ele vai atirar-se a ela.

– Quem te disse que não é filha dele?

Will encolheu os ombros.

Perscrutei a sala, cheia para uma terça-feira à tarde, o que não era costume e apontei para outro casal, a um canto, a terminar a refeição.

– Estás a ver aqueles dois?

– Estou.

– Acho que estão a acabar um com o outro – disse. Will olhou para mim como se eu estivesse a exagerar. – Não olham um para o outro e ele foi o único que pediu sobremesa. Levei-lhe duas bolas de gelado, mas ele não ofereceu uma única à companheira, o que é mau sinal.

– É sempre mau sinal. Um homem deve partilhar *sempre* a sobremesa – disse ele, piscando-me o olho. Não consegui deixar de sorrir. – Importas-te de acabar de limpar os copos? Tenho de ir buscar a Tracina. O carro dela avariou-se outra vez.

Tracina era a empregada da noite. Will andava com ela há pouco mais de um ano, depois de ter tentado comigo sem resultado. Sentira-me lisonjeada, mas na época precisava de um amigo e não de namorar com o meu patrão. Além do mais tornáramo-nos tão amigos que, apesar da atracção, fora fácil manter a amizade numa base platónica... excepto na noite em que o apanhara a trabalhar no gabinete com o colarinho da camisa aberto e as mangas enroladas até aos cotovelos, passando os dedos pelos espessos cabelos grisalhos.

E depois ele começara a andar com Tracina. Uma vez acusei-o de tê-la contratado só para poder sair com ela. Resposta: «E depois? Ser patrão sempre serve para qualquer coisa, não te parece?»

Depois de limpar os copos, tirei a conta do meu casal, dirigi-me lentamente para a mesa deles e reparei pela primeira vez na pulseira de ouro dela, cheia de pequenos berloques dourados, invulgar, de um amarelo-pálido e fosco. Os berloques tinham numeração romana de um lado e palavras do outro, que não

consegui ler. O homem parecia atraído por eles, cerca de doze, passando os dedos por eles enquanto acariciava o pulso e o braço da mulher. O toque, firme, possessivo, provocou-me um nó na garganta e um formigueiro entre as pernas. *Cinco Anos.*

– A vossa conta – disse eu uma oitava acima do habitual, pousando o pires na parte da mesa que não estava ocupada por braços. Ambos pareceram espantados com a minha presença.

– Obrigada – agradeceu a mulher, endireitando-se.

– Estava tudo bem? – perguntei. Por que razão me sentia tão tímida?

– Perfeito, como sempre – respondeu ela.

– Estava ótimo, obrigado – acrescentou o homem, tirando a carteira da algibeira.

– Deixa-me pagar desta vez – disse a mulher, inclinando-se para o lado, tirando a carteira da bolsa e estendendo-me o cartão de crédito. A pulseira tilintava a cada um dos seus movimentos. – Aqui tem, querida. – A mulher era da minha idade e chamava-me «querida»? Não lhe disse nada. Ao virar-lhe as costas, julguei ver-lhe uma certa estranheza nos olhos. Seria por causa da minha saia de trabalho manchada, a que eu usava sempre porque as manchas de comida não se notavam muito? De súbito tomei consciência da minha aparência e da falta de maquilhagem. Santo Deus... e os sapatos rasos, castanhos! E os soquetes, imagine-se! Transformara-me numa desmazelada de meia-idade sem me aperceber?

Enquanto me afastava, senti-me corar abanando o cartão de crédito. Fui direita à casa de banho lavar a cara com água fria,

alisei o avental e olhei para o espelho. Andava com roupa castanha porque era prático, porque não podia usar um vestido, porque era empregada de mesa. Quanto ao rabo-de-cavalo, os cabelos tinham de estar presos atrás, era o regulamento. Era verdade que podia penteá-los melhor em vez de os prender com um elástico como se fossem um molho de espargos e os sapatos eram os de uma mulher que não prestava grande atenção aos pés, apesar de me terem dito que eram bonitos. E era verdade que não ia a uma manicura profissional desde a noite anterior ao meu casamento. Tais coisas eram pura perda de dinheiro, claro, mas era preciso desleixar-me a tal ponto? Lá estavam os Cinco Anos à porta da casa de banho, exaustos. Regressei à mesa com o cartão de crédito, evitando olhar para qualquer um deles.

– Trabalha aqui há muito tempo? – perguntou-me o homem enquanto a mulher assinava o talão.

– Há cerca de cinco anos.

– É uma empregada muito boa.

– Obrigada – repliquei, sentindo-me corar.

– Até para a semana – disse a mulher. – Gostamos muito deste restaurante.

– Que já viu melhores dias.

– Nós gostamos assim – acrescentou ela, estendendo-me a conta e piscando o olho ao homem.

Olhei para a assinatura, à espera de ver uma coisa floreada, interessante. *Pauline Davis* pareceu-me simples de mais, mas ao mesmo tempo tranquilizador.

Os meus olhos seguiram-nos enquanto saíam, se despediam com um beijo e se afastavam um do outro. Ao passar pela janela da frente, a mulher olhou para mim e acenou-me. Devo ter-lhe parecido uma idiota, ali a olhar para ela. Retribuí o cumprimento.

O meu transe foi quebrado por uma mulher, sentada na mesa ao lado.

– Aquela senhora deixou cair qualquer coisa – disse, apontando para debaixo da mesa.

Baixei-me e peguei num pequeno bloco-notas *bordeaux*, gasto, suave ao toque. A capa tinha as iniciais *PD* a dourado, o mesmo que decorava as bordas das páginas. Abri-o na primeira página à procura do endereço ou do número de telefone de Pauline e vislumbrei, sem querer, algumas palavras: *... a boca dele na minha... nunca me senti tão viva... passou por mim como uma luz branca, quente... como um turbilhão... dobrou-me sobre o...*

Fechei bruscamente o bloco.

– Se calhar ainda a apanha – disse a mulher, mastigando devagar um bolo. Reparei que lhe faltava um dente da frente.

– Tarde de mais – comentei. – Fica guardado. Ela vem cá muitas vezes.

A mulher encolheu os ombros e mordeu outro pedaço de *croissant*. Com um arrepio de excitação na espinha, meti o bloco na bolsa que usava sempre à cintura. Durante o resto do meu turno, até Tracina chegar a mastigar uma pastilha elástica como sempre, com os caracóis a oscilar, presos no rabo-de-cavalo, foi

como se ele estivesse vivo. Pela primeira vez em muitos anos, Nova Orleães não me pareceu solitária ao anoitecer.

A caminho de casa, contei os anos. Tinham-se passado seis desde que Scott e eu tínhamos vindo de Detroit para começar de novo. As casas eram baratas e o meu marido acabava de perder o emprego que tinha na indústria automóvel. Pensávamos ambos que uma vida nova numa cidade nova a reconstruir-se após um furacão seria um bom cenário para um casamento que também tentava fazer a mesma coisa.

Encontrámos uma casinha azul na Dauphine Street, em Marigny, onde havia muita gente nova e tive a sorte de arranjar um emprego como assistente de veterinário num abrigo de animais, em Metairie. Scott, porém, depois de passar por várias plataformas petrolíferas, deu cabo de dois anos de sobriedade quando uma noite de bebedeira se transformou numa farra de duas semanas. Depois de me bater pela segunda vez em dois anos, percebi que estava tudo acabado. De súbito apercebi-me do esforço que ele fizera para estar aquele tempo todo sem me bater. Mudei-me para um apartamento só com uma assoalhada, o primeiro e único que procurei.

Uma noite, uns meses mais tarde, Scott telefonou-me, disse-me que deixara de beber para sempre e pediu-me que me encontrasse com ele no Café Rose para me pedir desculpa. As desculpas, porém, pareceram-me fracas e o comportamento insensível e defensivo. Para o fim do jantar eu lutava contra as lágrimas e ele debruçava-se para mim com as *desculpas* finais.

– Estou a falar *a sério*, Cassie. Podes não acreditar, mas vivo todos os dias com a consciência do que te fiz e não sei o que fazer para te compensar – disse antes de sair.

É claro que quem ficou com a conta fui eu.

À saída reparei no cartaz a pedir uma empregada. Havia já algum tempo que pensava em deixar a clínica veterinária onde tomava conta de gatos e passeava cães. Porém, os vagabundos deixados pelo *Katrina* não estavam a ser adoptados e por isso o meu trabalho consistia em preparar animais saudáveis para a eutanásia. Comecei a odiar o meu emprego, não conseguia olhar para aqueles olhos tristes e cansados. Naquela noite habilitei-me ao emprego no restaurante.

Também foi naquela noite que a estrada ficou inundada perto de Parlange e que o carro de Scott se despistou, caindo no False River.

Perguntei a mim mesma se teria sido acidente ou suicídio, mas por sorte a nossa companhia de seguros não pôs entraves – no fim de contas ele estava sóbrio. E como os *rails* estavam enferrujados no sítio dos parafusos, recebi uma boa maquia. Porém, que andava Scott a fazer por aquelas bandas naquela noite? Era mesmo dele uma saída daquelas, grandiosa, para me fazer sentir culpada. Não me sentia contente por ele ter morrido, mas também não me sentia triste. E era naquele limbo que eu vivia desde então.

Dois dias depois do funeral em Ann Arbor, onde estive sozinha porque a família de Scott culpou-me pela morte dele, recebi um telefonema de Will. A princípio a voz dele

confundi-me. O timbre era parecido com o de Scott, excetuando o sotaque.

– Estou a falar com Cassie Robichaud?

– Sim. Quem fala?

– O meu nome é Will Foret. Sou proprietário do Café Rose! A senhora habilitou-se a um lugar de empregada a semana passada. Nós estamos à procura de alguém para o turno do pequeno-almoço e do almoço. Eu sei que não tem muita experiência, mas senti boas vibrações quando nos conhecemos e...

Boas vibrações?

– Quando nos conhecemos?

– Quando a senhora... se habilitou?

– Desculpe, é claro que me lembro. Desculpe. Sim, claro. Pode ser na quinta-feira?

– Claro que pode. Que tal às dez e meia para eu lhe mostrar o ambiente?

Quarenta e oito horas mais tarde apertava a mão de Will e abanava a cabeça por não me lembrar dele – tal era a minha disposição naquela noite. Hoje em dia brincamos com a ocasião («Sim, aquela vez em que te impressionei tanto *que nem sequer te lembravas de mim!*»), mas depois daquela discussão com Scott, nem que fosse o Brad Pitt... Will era um homem mesmo bonito.

O homem não me ofereceu um grande ordenado porque o Café fica um pouco a norte dos sítios quentes e não está aberto à noite, embora me tenha falado na hipótese de se expandir para cima, mas só dali a alguns anos.

– A maioria dos clientes é daqui. Tim e os tipos da loja de bicicletas do Michael, muitos músicos... Alguns é capaz de os encontrar a dormir à porta porque passaram a noite toda a tocar, outros são personagens locais que passam aqui horas... Mas todos eles bebem muito café.

– Parece-me bom.

O treino consistiu numa volta pouco entusiástica, durante a qual ele apontou e resmungou instruções sobre a lavagem dos pratos, o moinho de café e o sítio onde guardava as provisões.

– A única coisa que o regulamento diz é que tem de usar os cabelos presos atrás. Fora isso não sou muito picuinhas. Não temos uniformes, mas tem de usar roupa prática porque a hora do almoço é muito movimentada.

– Prática é o meu nome do meio – brinquei.

– Tenciono fazer umas obras – disse ao ver-me olhar para um mosaico rachado no chão e mais tarde para uma ventoinha do tecto a vacilar. O restaurante estava gasto, mas era confortável e ficava a um minuto do meu apartamento, na Chartres com a Mandeville. Will disse-me que lhe pusera o nome de Café Rose por causa de Rose Nicaud, uma ex-escrava sua parente afastada pelo lado da mãe que costumava vender café nas ruas de Nova Orleães, numa carroça.

– Havia de ver as fotografias das nossas reuniões de família. Parece um grupo das Nações Unidas. Estão lá representadas todas as cores... Então? Quer o emprego ou não?

Anuí, entusiasmada, e ele apertou-me a mão.

A partir de então a minha vida restringiu-se a alguns quarteirões de Marigny. Por vezes ia a Tremé ouvir Angela Rejean, uma das amigas de Tracina, que trabalhava na Maison ou dava uma volta pelos antiquários da Magazine, mas pouco mais e até deixei de ir ao Museu de Arte ou ao Audubon Park. De facto pode parecer estranho dizer isto, mas podia passar o resto da vida na cidade sem sequer ver água.

Chorei por Scott. No fim de contas ele fora o único homem da minha vida. Chorava nas ocasiões mais incríveis: quando estava num autocarro, quando lavava os dentes ou quando acordava de uma sesta já de noite. Porém, não chorava só por Scott, chorava por ter passado quase quinze anos da minha vida a ouvir-lhe as queixas constantes, a única coisa com que ficara. Eu não sabia como calar a voz crítica que, na ausência de Scott, me chamava a atenção para os meus defeitos e os meus erros. *Por que não vais a um ginásio? Ninguém quer uma mulher com mais de trinta e cinco anos. Não fazes mais nada senão ver televisão. Se fizesses um esforço eras muito mais bonita.* Cinco Anos.

Atirei-me ao trabalho. No Café Rose servíamos os únicos pequenos-almoços da rua, nada de especial: ovos, salsicha, torrada, fruta, iogurte, bolos e *croissants*. O almoço era sempre simples: sopa, sanduíches e por vezes caldeirada, enso-pado de lentilhas ou *jambalaya* quando Dell chegava cedo e com disposição para trabalhar. Dell era mais cozinheira do que empregada de mesa, mas não suportava passar o dia todo na cozinha.

Eu só trabalhava quatro dias por semana das nove da manhã às quatro da tarde, por vezes mais um pouco se almoçasse e ficasse na conversa com Will. Se Tracina se atrasava, eu punha as mesas por ela. Nunca me queixava porque assim estava sempre ocupada.

De tarde podia ganhar mais dinheiro, mas gostava mais do turno da manhã. Gostava de varrer o passeio, gostava do sol a bater nas mesas da esplanada, gostava de encher a vitrina de bolos enquanto o café fazia e a sopa fervia, gostava de contar o dinheiro numa das mesas em frente das grandes janelas da frente porque quando chegava a altura de ir para casa sentia-me sempre só.

A minha vida começou a adquirir um ritmo estável, de confiança: trabalho, casa, ler, dormir. Trabalho, casa, ler, dormir. Trabalho, *cinema*, casa, ler, dormir. Não era preciso um esforço sobre-humano para alterar um pouco as coisas, mas eu não conseguia.

Achava que passado algum tempo começaria a viver de novo, que voltaria mesmo a namorar, pensava no dia mágico em que a rotina se instalaria e que eu entraria de novo no mundo, como quem liga um interruptor. A ideia de tirar um curso passou-me pela cabeça. Talvez acabar a minha licenciatura, mas sentia-me demasiado entorpecida para assumir o compromisso, caminhava para a meia-idade sem travões com a minha gata *Dixie*, que parecia envelhecer ao mesmo tempo que eu apesar de ter sido vadia.

– Tu dizes que a gata é gorda como se a culpa fosse dela – costumava dizer-me Scott. – Ela não chegou aqui gorda. Tu é que a engordaste.

O meu marido não tinha pena dela quando a ouvia a miar, mas eu fazia-lhe as vontades todas. Não tinha força, razão pela qual aguentei Scott durante tanto tempo. Levei algum tempo a perceber que ele não bebia por minha causa e que, mesmo que quisesse, não teria conseguido fazê-lo parar, mas fiquei com a sensação de que podia tê-lo salvo se tivesse tentado a sério.

Talvez se tivéssemos tido um filho, como ele queria. Nunca lhe disse que ficara aliviada ao saber que não podia ter filhos. A barriga de aluguer era uma opção, mas era demasiado cara e Scott, felizmente, não estava virado para a adopção. O facto de eu não querer ser mãe nunca esteve em discussão, mas eu ainda queria ter um propósito na vida, qualquer coisa que substituísse o desejo de ter filhos.



Alguns meses depois de começar a trabalhar no Café e muito antes de Tracina lhe roubar o coração, Will insinuou que era capaz de arranjar bilhetes para um espectáculo integrado no festival de *jazz*. A princípio julguei que ele ia com uma namorada qualquer, mas afinal queria ir comigo. Entrei em pânico com o convite.

– Estás... estás a perguntar-me se quero ir contigo?

– Hã... estou. – Lá estava outra vez aquele olhar e por um segundo julguei ver-lhe uma certa dor no olhar. – Fila da frente, Cassie. É uma boa desculpa para vestires um vestido. Aliás, nunca te vi de vestido.

Percebi logo que não podia ir. Não podia ir com *ele*, com o meu *patrão*. Não queria perder um emprego de que gostava por um homem que, assim que passasse algum tempo comigo, perceberia logo que eu era uma chata, por um homem que, ainda por cima, não era do meu campeonato. Fiquei paralisada com a perspectiva de ficar sozinha com ele, fora do contexto da nossa relação de trabalho.

– Nunca me viste de vestido porque eu não tenho nenhum – comentei.

A verdade era que não me imaginava a vestir um. Will não disse nada durante uns segundos, limpando as mãos ao avental.

– Tudo bem – disse ele. – Há montes de gente a querer ver esta banda.

– Desculpa, Will, mas acho que estar casada durante tantos anos com um destroço tornou-me de certo modo um... bicho-do-mato – disse eu, qual psicólogo de um programa nocturno de rádio.

– Bela maneira de dizer: «não és tu, sou eu».

– Mas é verdade, sou eu.

Pousei-lhe a mão no braço.

– Está bem, pronto, convido a próxima rapariga bonita que contratar – brincou ele.

E foi o que fez. Will convidou a espantosa Tracina, de sotaque sulista e pernas até ao pescoço, de Texarkana. Tracina tinha um irmão mais novo com autismo do qual tratava com todo o cuidado e montes de botas à *cowboy*. Tracina foi contratada para o turno da tarde e, apesar de ser sempre um pouco

fria comigo, dávamo-nos bem e Will parecia ser feliz com ela. Despedir-me dele passou a custar-me muito porque, se calhar, ele passava as noites com ela, em vez de no andar de cima do Café. Mas não tinha razões para ter ciúmes porque ela era a rapariga ideal para ele – engraçada, esperta, *sexy* e da cor do cacau. Por vezes Tracina soltava os longos cabelos e parecia um monte de algodão doce e por vezes fazia tranças com eles. Os homens andavam todos atrás de Tracina. Tracina era cheia de vida. Tracina encaixava-se, ao passo que eu não.



Naquela noite, ainda com o bloco-notas a aquecer-me a bolsa, pus-me a olhar para Tracina no meio dos clientes. Era a primeira vez que admitia a mim própria sentir ciúmes dela, mas não por andar com Will, e sim pela maneira fácil e atraente com que se movimentava pela sala. Algumas mulheres têm a capacidade inconsciente de caminhar pela vida com a maior das descontrações, com a maior das facilidades, cheias de *sex-appeal*; não observam, limitam-se a agir. Quando Will a convidou para sair, ela limitou-se a dizer:

– Gostava muito.

Sem reticências, sem equívocos, apenas um grande sim.

Pensei no bloco-notas, nas palavras que vislumbrara, no homem à mesa, na maneira como ele acariciava o pulso da companheira e lhe beijava os dedos, como lhe mexia na pulseira, na ansiedade latente no seu rosto. Oxalá alguém sentisse

o mesmo por mim. Imaginei uma madeixa de cabelos nas minhas mãos, encostada a uma parede da cozinha do restaurante, uma mão a levantar-me a saia. Um momento! O homem que estava com Pauline tinha a cabeça rapada! Estava a imaginar os cabelos de Will, a boca de Will...

– Um tostão pelos teus pensamentos – disse este, interrompendo-me o devaneio absurdo.

– Valem muito mais do que um simples tostão – repliquei, consciente do rubor que me subia às faces. De onde viera aquilo? Estava na hora de me ir embora. O meu turno acabara.

– Boas gorjetas, hoje?

– Nada más. Tenho de me ir embora. Will, é-me indiferente que *andes* a dormir com a Tracina. Diz-lhe que encha os açucareiros antes de ir para casa. Amanhã, quando chegar, quero-os cheios.

– Sim, patroa – replicou ele com uma continência. – Planos para hoje? – acrescentou quando eu me dirigia para a porta.

Um vídeo e uma novela, ora essa.

– Montes deles – respondi.

– Devias sair com um homem e não com um gato, Cassie. És uma mulher muito bonita, sabes?

– *Bonita?* Isso é o que os homens dizem às mulheres com mais de trinta e cinco anos que ainda não estão na reforma, mas que para lá caminham. «*Tu és uma mulher muito bonita, mas...*»

– Mas nada. Tu devias sair, Cassie – disse ele, apontando com o queixo para a rua.

– É o que vou fazer – retorqui, indo quase de encontro a um ciclista.

– Cristo! Cassie! – gritou Will, correndo para mim.

– Estás a ver o que acontece quando saio? Sou atropelada! – exclamei com o coração aos pulos, tentando rir-me do incidente.

Will abanou a cabeça enquanto eu virava costas e descia a Frenchmen. Pareceu-me senti-lo a olhar para mim, mas não tive coragem de olhar para trás para confirmar.